

ESPECTADOR COMPROMETIDO



Por: José Lapa

O grande Ruy Castro, escreveu qualquer coisa como 3500 crônicas na página 2 da Folha de S. Paulo. Dessas, 120 foram dedicadas ao Maestro Soberano, como lhe chamava o Chico Buarque, o genial Tom Jobim. Das 120 crônicas foram selecionadas 90, e assim nasceu O Ouvidor do Brasil (2024). Jobim, é uma paixão comum, minha e do Ruy, por isso o livro está sempre debaixo de olho pronto para uma releitura. A definição de «ouvidor» foi tirada de um dicionário – mas de um dicionário que o Ruy "está pensando em escrever".

Esta palavra "ouvidor", assaltou-me na estrada da escrita, quando pretendia escrever algo sobre o meu amigo, **Carlos Peninha (CP)**, que tão bem cultivava a humildade, a amizade e a generosidade.

Quanto à sua qualidade técnica; ao seu

Carlos Peninha, a música ao saber e sabor da vida

talento; ao seu virtuosismo; à sua criação; está tudo dito e cada vez mais reconhecido. Mas, por de trás de tudo isto, há um homem que se preocupa com o mundo. Um humanista. Direi então que o CP é um ouvidor do mundo. O seu último e belo trabalho, Chão Ardente (2026), tem uma preocupação evidente com a poesia, CP, traz 4 poemas da sua lavra. Aliás, já em Tocar o Chão (2016), temos um poema seu (Lança a Rede ao Mar), e também poemas de Sena, Torga, Eugénio. Ou seja, há todo um primor sensitivo: a capa tem as maravilhosas mãos da filha, Mariana, como já aconteceu em Tudo Começa Agora (2023); e, há uma bela foto de CP, com guitarra acústica, instrumento que nos traz sempre a imagem de pureza, autenticidade, humano. Quantas vezes obnubilamos isto: por de trás da música, da canção, há um ser humano com toda a sua idiossincrasia; Bob Dylan, foi insultado quando se apresentou pela primeira vez com uma guitarra elétrica; e uma dedicatória ao neto, vislumbre e desejo de um futuro melhor. Ou seja, como marca de água há uma foto de família. E, ainda, uma mensagem sua a um **"mundo onde a liberdade e o valor da paz, se desvanece pelo desprezo completo dos valores da vida em muitos lugares do mundo e até na nossa porta"**. CP escreve isto, e sabe, que para se viver, temos de parar o tempo. Tal qual, como o diz Bob Dilan a Martin Scorsese: **«O tempo... Podemos fazer várias coisas que parecem manter o tempo parado, mas claro**

que é impossível» (No Direction Home Bob Dylan, 2005). Jogar num espaço de criação de uma ilusão, é, pois, inspirador, desafiante.

O novo trabalho de Carlos Peninha é um exemplo de maturidade musical e lírica, na preocupação com o mundo.

Começa a ser difícil, atualmente, encontrar mensagem plausível na música, invadida por lamechices, que seja um alerta para os tempos difíceis e complexos que vivemos, mas o anelo de CP, é que a sua música, o seu trabalho, nos devolvam um mundo melhor, mais arejado, mais justo, algo que nos venha espicaçar a dopamina. A sua disponibilidade humana mesmo em halo de palco, dão-lhe um estilo próprio, uma performativa específica. Vê-se CP, em palco, nesse palco, e vemos que estamos claramente perante alguém apaixonado pela música, pelo seu trabalho, pelo seu desígnio de paixão pela vida que pretende contagiar aos outros. Partilha feérica. **"Toco guitarra. As pessoas gostam de ouvir. Juntamo-nos. E assim vamos vivendo."** (Carlos Paredes). Ou Jobim, em Desafinado (letra de Newton Mendonça): **«no peito dos desafinados também bate um coração»**. Enfim, recuperei Jobim e Paredes, não para que se possa cotejar, para se dizer que o Carlos Peninha é melhor ou pior, mas para enfatizar que há um denominador comum entre eles: tocar, compor, para que o mundo seja melhor. Bem melhor, como merece. Um trabalho a ouvir atentamente.

Uma história de fios de seda e fios de poder

começam a ficar nus. Há qualquer coisa de profundamente humano nessa vaidade de bicho.

Depois há a procissão, o momento mais fotogénico da criatura, e também o mais didático. Fila indiana, cada larva agarrada à anterior por um fio de seda, seguindo cegamente a que vai à frente, sem questionar o destino, sem desviar o olhar. Ninguém verifica o mapa. Ninguém pergunta "para onde vamos, afinal?". Ninguém quer ser a primeira a soltar-se da fila, correndo o risco de ficar exposta, sozinha, vulnerável, sem o calor do grupo. Há até um pormenor cruel: se alguém, por brincadeira ou experiência, fechar essa fila em círculo, as larvas continuam a andar, em roda, exaustas, sem chegarem a lado nenhum, convencidas de que estão a progredir. É uma das imagens mais perfeitas que a natureza nos oferece sobre o que acontece quando uma estrutura deixa de ter pensamento próprio e passa a ter apenas movimento. A fila anda. Ninguém pergunta porquê.

Existem também os pêlos urticantes, arma de defesa da lagarta. Isto não precisa sequer de metáfora: qualquer pessoa que toque de leve fica com a garganta a arder durante semanas. E o mais curioso é que a lagarta nem precisa de atacar de propósito, basta existir, basta sentir-se ameaçada, e o veneno espalha-se sozinho pelo ar, atingindo até quem nada tinha a ver com a questão.

E o mais fascinante de tudo: a processionária não confia em nada que não seja ela própria e o seu próprio fio. Não tolera desvios, não reconhece outros caminhos e

tende a construir à sua volta uma cópia perfeita do seu próprio comportamento. Cada nova geração repete o mesmo ninho, a mesma fila, o mesmo apego cego. Nenhuma lagarta pensa "e se fizéssemos diferente desta vez?". O líder narcisista, de forma semelhante, não recruta pessoas — recruta espelhos. Rodeia-se de quem lhe confirma a grandeza, afasta quem lhe questiona o reflexo, promove quem melhor imita o seu próprio andar e chama a isso "equipa coesa" ou "visão partilhada".

Vale ainda notar o timing. A processionária escolhe justamente o inverno para se instalar e crescer, a estação em que a árvore está mais vulnerável, com menos recursos para se defender, menos folhagem de reserva, menos energia para reagir. Não é acaso: é estratégia de sobrevivência. No fim, sabemos como a história termina para a processionária: desce a terra, em fila, ainda agarrada ao mesmo fio, enterra-se, tenta transformar-se em mariposa e frequentemente nem sequer consegue, vítima dos seus próprios parasitas, ou simplesmente esgotada pelo caminho. A árvore, entretanto, fica ali: seca, fragilizada, à mercê do primeiro vento mais forte, anos a recuperar uma copa que levou décadas a construir.

Fica a pergunta incómoda, que nenhum manual de entomologia responde, mas que qualquer manual de gestão devia fazer: quando finalmente a fila se desfizer e o ninho cair, quem é que vai continuar de pé? A árvore, com a paciência lenta e silenciosa de quem sabe regenerar-se ou o próximo ninho, já a formar-se num ramo vizinho, à espera de outra árvore ingénua para secar? Despeço-me com amizade e gratidão.

CIM AVALIA POTENCIAL DO AERÓDROMO DE VISEU PARA DESENVOLVER A ECONOMIA DA DEFESA



Reunido em Carregal do Sal, o Conselho Intermunicipal da CIM Viseu Dão Lafões, aprovou a elaboração da Estratégia para a Economia da Defesa e de um plano de ação para avaliar o potencial do Aeródromo de Viseu como infraestrutura de desenvolvimento económico, tecnológico e de proteção civil na região. Para isso já deu início ao procedimento conducente à aquisição dos necessários serviços especializados.

Segundo a CIM, o instrumento pretende posicionar a região para aproveitar as oportunidades de crescimento associadas à Economia da Defesa, um dos setores que deverá re-

gistar um maior crescimento do investimento público europeu nos próximos anos. Paralelamente, será também desenvolvido um plano de ação para a valorização e desenvolvimento do Aeródromo de Viseu.

"A Estratégia para a Economia da Defesa de Viseu Dão Lafões surge num contexto em que a União Europeia pretende reforçar a capacidade industrial e tecnológica do setor, impulsionando novos investimentos e promovendo o desenvolvimento de cadeias de valor estratégicas. Neste enquadramento, a Comunidade Intermunicipal pretende identificar oportunidades para as empresas e instituições da

região, promovendo a inovação, a especialização e a criação de bens e serviços de utilização dual, com aplicação civil e militar", justifica o organismo em nota de imprensa.

A estratégia procurará mobilizar o tecido empresarial, o sistema científico e tecnológico e as instituições de ensino e formação profissional, potenciando a criação de emprego qualificado, a internacionalização das empresas e o reforço da competitividade regional.

Paralelamente, o Conselho Intermunicipal aprovou, também, a aquisição de serviços para a elaboração de uma análise estratégica e de um plano de

ação para a valorização e desenvolvimento do Aeródromo de Viseu, com o objetivo de avaliar o seu potencial em domínios como a conectividade regional, a proteção civil, a aviação executiva, a indústria dos drones, a formação aeronáutica e a manutenção ligeira de aeronaves.

O estudo permitirá definir um conjunto de orientações estratégicas para potenciar esta infraestrutura, reforçando o seu papel no desenvolvimento económico e tecnológico de Viseu Dão Lafões e da Região Centro.

"Enquanto infraestrutura regional, o Aeródromo de Viseu poderá assumir um papel relevante no apoio ao crescimento económico, tecnológico e aeronáutico da região Centro, reforçando, simultaneamente, a sua função como base de suporte às atividades da Proteção Civil", reforça o presidente da CIM Viseu Dão Lafões, João Azevedo.

"É essencial, por isso, compreender, de forma objetiva e rigorosa, o seu potencial e definir um plano de ação que permita transformar esta infraestrutura num ativo estratégico para o desenvolvimento económico, tecnológico e aeronáutico da região. Queremos preparar o futuro com base em conhecimento e numa visão global para o território", conclui o também presidente da Câmara Municipal de Viseu.

SMAS DE VISEU ATINGE MÁXIMO HISTÓRICO DE 55 MIL CLIENTES

Os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento (SMAS) de Viseu terminaram o mês de junho com um marco histórico, ao ultrapassarem os 55.000 clientes. Um crescimento que, segundo a empresa municipal, acompanha a evolução demográfica do concelho e confirma a capacidade de Viseu para atrair novos residentes, empresas e investimento, refletindo o dinamismo do território e o seu desenvolvimento urbano e económico.

"Este é um sinal claro da confiança que os munícipes e as empresas de Viseu, nos mais variados setores de atividade, depositam, diariamente, nos serviços prestados pelos SMAS. É, ao mesmo tempo, um forte indicador da vitalidade do concelho e da sua capacidade de crescimento", afirma o Diretor-Delegado dos SMAS de Viseu, José Carlos Almeida.

O responsável, que destaca o investimento contínuo na expansão e modernização das infraestruturas afetas às redes públicas de água e saneamento básico em todas as freguesias do concelho, conclui que alcançar a marca dos 55.000 clientes "representa não apenas um motivo de orgulho para os SMAS de Viseu, mas também uma responsabilidade acrescida para continuar a assegurar um serviço público de qualidade, próximo dos cidadãos e capaz de acompanhar o crescimento sustentável do concelho".

